

João Maria Policarpo May.
Debuxador e Lente da Aula de Desenho
da Real Fábrica das Sedas

CELSO FRANCISCO DOS SANTOS *

Abstract - From 1764 to 1793 João Maria Policarpo May, who came from Lyon (France), was the first teacher of the "Aula do Desenho" (design class) established in the Royal Silk Factory of Rato (Lisbon). The apprentices had to attend lessons in order to become entitled masters in the craft of silk fabrics. There they learned how to design of both organic and geometrical patterns reproduced from engravings and nature. Those classes continued far from the death of Policarpo May and were in Portugal the first example of teaching in industrial design intended as a part of the manufacturing process.

A Real Fábrica das Sedas foi, no séc. XVIII, o motor de uma nova política económica e a matriz de ensaio de outras fundações fabris em que à produção das diferentes manufacturas se juntaram os princípios teóricos e práticos do ensino das artes aplicadas. É neste contexto que se inscreve a actividade de João Maria Policarpo May, debuxador e lente da Aula de Desenho da Real Fábrica, de 1764 ao princípio da década de 90 do mesmo século ⁽¹⁾•

* Assistente Convidado. Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

⁽¹⁾ NEVES, José Acúrsio das — "Noções históricas económicas e administrativas sobre a produção das sedas em Portugal, e particularmente sobre a Real Fábrica do subúrbio do Rato e suas anexas". In Obras completas de José Acúrsio das Neves. Porto: Afrontamento, s.d. vol 4, p. 145-320. O autor é o primeiro a referir o papel da arte do debuxo no desenvolvimento das indústrias do tecidos de seda e a nomear os primeiros e mais prestigiados artistas que desenvolveram a sua actividade na fabrica das sedas. A este propósito diz: "A boa tinturaria, e os bons debuxadores, concorrerão muito para acreditar as nossas manufacturas; e este segundo emprego chegou a ser hum objecto de grande luxo, e despesas na Real fabrica. Acho memo-

1. Em Portugal, na segunda metade de setecentos, assistiu-se a um incremento das actividades manufactureiras, que se espalharam a todo o espaço continental. As indústrias monopolistas, fortemente incentivadas pela concessão de isenções de direitos alfandegários — quer de fabrico quer de comercialização dos produtos — multiplicaram-se. A fundação de novas fábricas e a reorganização das já existentes, consideradas improdutivas, ocupa parte importante do reinado de D. José. A velha fábrica das sedas, de fundação joanina (1734), que produzia estofos de seda com ouro e prata, veludos, damascos, primaveras, gorgorões lisos e lavrados, brocatéis, chamalotes, cetins, pelucas, nobrezas, tafetás, galões de ouro e de prata, ou de seda com linha, dirigida por Roberto Godin, Vasco Lourenço Veloso e Rodrigo Brancam instala-se no Sítio do Rato, então subúrbio da cidade de Lisboa, num vasto edifício

rias de hum Mr. Alezon, debuxador Francez, que supponho ter sido o primeiro da Real fabrica na sua origem. Este homem, conhecendo rara habilidade em hum aprendiz de fabricante, chamado Diogo Maninho Villella, fez delle hum bom debuxador, assim como hum perfeito fabricante, e muito destro maquinista. No tempo de Vasco Lourenço já Diogo Maninho era debuxador da Real fabrica; e a Direcção lançou mão delle logo na sua entrada. Começou com a gratificação mensal de 14\$400 rs., além das suas gages particulares; foi tendo sucessivos aumentos até o ordenado de 600\$000 rs., que venceu até o seu fallecimento. O Senhor Rei D. José acompanhado pelo Marquez do Pombal lhe fez a honra de o ir ver trabalhar na sua casa, a qual achou muito elegantemente guarnecida, e ornada com manufacturas da Real fabrica.

O merecimento, e préstimo de Diogo Maninho foi a causa de sua Magestade o empregar no serviço do Paço; e mandou-se vir de Lyão de França João Maria Polycarpo May para exercer o emprego de debuxador, e estabelecer huma aula de debuxo na Real fabrica. Foi escripturado em 27 de Abril de 1764 com o ordenado de 960\$000 rs. por anno, vencendo desde o 1º de Junho de 1763, dia em que sahira de Lyão, e mais 48\$000 rs. por cada discípulo, que ensinasse, e desse perfeito na sua arte, precedendo exame, e approvação da Direcção. Esteve em exercicio até que falleceo em 4 de Janeiro de 1794.

Hum dos mais hábeis alumnos desta aula foi Joaquim Pedro Sanches, ao qual a Direcção proveo em debuxador, com o ordenado de 300\$000 rs., em 10 de Janeiro de 1792, assim como a hum outro chamado José António Mascarenhas em 23 de Dezembro do mesmo anno; e por consequência havia nestes tempos hum lente, e três debuxadores, contando Diogo Maninho, cujos ordenados importavão em 2:160\$000 rs. sem fallar nas mais despezas, que se fazião com o custeamento da aula, e gratificações dos alumnos.

Em 26 de Junho de 1795 foi provido Joaquim Pedro Sanches em primeiro lente, com o ordenado de 600\$000 rs., e abrio-se a aula no 1º de Julho seguinte. Em 6 de Abril de 1796 deo-se-lhe por substituto José Francisco da Costa, e ambos exercerão ate 18 de Junho de 1800, em que a aula foi abolida, por se considerar desnecessária, em razão de irem decahindo da moda as antigas sedas de ricos lavores, que em outro tempo fizerão hum dos principais objectos de luxo.

Restabeleceo-se a aula em 14 de agosto de 1811, e Joaquim Pedro Sanches, que ainda vivia, tendo revertido ao seu antigo ordenado de 300\$000 rs., continuou a servir com o que de novo se lhe estabeleceo de 480\$000 rs., até que falleceo em 21 de Setembro de 1813, e por sua morte ficarão servindo de debuxadores os actuaes Silverio Rodrigues Nobre, e Manoel Barboza; e nunca mais Houve aula de debuxo."

Esta transcrição do capítulo XI é clara em alguns aspectos:

- A importância do trabalho do debuxador numa indústria sujeita ao bom gosto e às modas em circulação constante;
- O lugar destacado do debuxador na produção dos tecidos de seda, uma das artes sumptuárias de maior necessidade e difusão;
- O reconhecimento público do seu trabalho manifesto nos ordenados que auferia, acomodações com dignas e deferência, mesmo que excepcional, com que os poderes o mimavam;
- A aula de desenho como meio de formação de alumnos - aprendizes que garantiam a continuidade do fabrico de qualidade e até mesmo o ensino às gerações futuras.

A aula de desenho da fábrica das sedas teve uma existência atribulada no 1º terço de oitocentos mas prolongou —se até, pelo menos, ao ano de 1830/31, de que há lista de aprendizes.

onde a produção se centralizava, construído entre 1738/41. O bom sucesso do empreendimento, com 91 teares em laboração desde 1738, sofre um revés, na segunda metade da década de cinquenta, com a desavença entre Roberto Godin e os sócios e a posterior estagnação da produção ⁽²⁾. A venda à Fazenda Real, com a atribuição dos Estatutos, em 1757 ⁽³⁾, uma nova orientação do trabalho, agora não só centralizado mas também doméstico, marcam um novo período de prosperidade, atestado na construção das 70 casas das oficinas e habitação do bairro dos fabricantes do Rato e das Amoreiras.

A contratação de Policarpo May é parte do processo de actualização dos processos de fabrico e da introdução de novos teares e de novos tipos de tecidos, com desenhos e padrões que fizessem deles artigos atractivos para o público ⁽⁴⁾.

Posteriormente a Junta de Administração das Reais Fábricas do Reino, de 1777 a 1788, e a Real Junta do Comércio, Agricultura, Navegação e Fábricas, até 1820, tutelaram e governaram as manufacturas das sedas de Lisboa a Portalegre e a Chacim.

2. A intensa actividade manufactureira, que compreende os reinados de D. José, D. Maria I e a regência do futuro D. João VI, na qual encontramos, lado a lado indivíduos nacionais e estrangeiros, se por um lado aumentou a familiaridade com as operações comerciais, por outro mostrou ser necessária a formação com conhecimentos, tanto teóricos como práticos, capazes de lidar com as diferentes faces, e fases, do mundo dos negócios: custos e laboração das matérias primas, implantação das manufacturas, produção e escoamento dos produtos e respectiva comercialização, com a luta pela obtenção e conservação de mercados. E também as operações de câmbio, a escrita e a leitura de contabilidades, as línguas vivas e a geografia, quer a das matérias primas quer a dos mercados, assim como o conhecimento das redes e meios de comunicações e de transportes. Criam-se, pois, neste período aulas nas principais cidades do país - Lisboa e Porto à cabeça - que formavam os futuros empreendedores das casas comerciais e unidades fabris.

⁽²⁾ MACEDO, Jorge Borges de — Problemas de história da indústria portuguesa no século XVIII. 2ª ed. Lisboa: Querco, 1982; CUSTÓDIO, Jorge - "Fábrica das Sedas do Rato". In Dicionário da História de Lisboa, Direcção de Francisco Santana e de Eduardo Sucena, Lisboa, 1994, p. 372/375; VITERBO, Francisco Marques de Sousa - Artes Industriais e Indústrias Portuguesas: Indústrias Têxteis e Congéneres. Coimbra; Imprensa da Universidade, 1904.

⁽³⁾ MOREIRA, Alzira Teixeira Leite — "O regimento secretíssimo da Real Fábrica das Sedas — 1757: subsídios para a História da sericultura em Portugal". Revista da Biblioteca Nacional. Lisboa, 1983, (1-2), p. 75-104

⁽⁴⁾ Id., Ibid, p.90:" V. Sendo a Arte do Desenho, aquela, que faz o fundamento das Fabricas deste género, porque ensinando a combinar as proporçoens, e a sentir as cores, contém tudo, o que se chama Bom gosto , vulgarmente: Devem os directores ter sempre hum Desenhador hábil com alguns Aprendizes, que ao mesmo tempo trabalhe ,e ensine em Casa separada; onde tenha pela sua ordem os Padroens, e Amostras de tudo, o que se tiver obrado na Fabrica, e poderá aliançar de fora delia, que se obra, que se obra nas Manufacturas Estrangeiras: Reduzindo tudo a numero por ordem; porque assim não só se lhe facilitará a imitação do que se fabrica nos Paizes Estrangeiros; mas tendo mais espécies, que conferir, lhe ficará mais fácil o que houver de inventar de novo"

A aula do comércio, instituída pela Junta do Comércio destes Reinos e seus Domínios, entre 1756/59, a do debuxo da Real Fábrica das Sedas e a aula da fábrica dos estuques ensinavam os aprendizes destes ofícios, em modelos de funcionamento ora corporativo ora oficinal.

O desenho ensinado na fábrica das sedas era a aplicação de princípios do debuxo à produção de tecidos, já industrial, o que supunha o conhecimento da mecânica dos teares, da produção dos diversos tipos de tecidos e a cópia de temas *tirados do natural e de gravuras* ⁽⁵⁾.

Em 1763/64 Policarpo May, vindo de Lyon, principal centro de sericultura da Europa setecentista, e em 1766 João Grossi, chamado de Turim, iniciam o ensino nas Reais Fábricas das Sedas e na dos Estuques em que aliam o domínio das técnicas industriais e o engenho para a criação de desenhos, fazendo assim prosperar e afirmar a necessidade e utilidade destas artes pré-industriais.

Estes lentes debuxadores, que tinham por objectivo melhorar substancialmente a qualidade e variedade da produção fabril, formavam, em número considerado suficiente, aprendizes nacionais na execução e criação de desenhos, ornatos e decorações, para os tecidos e para os estuques. Nas sedas o conhecimento da mistura e conjugação das cores e a aplicabilidade do motivo ao tipo de tecido era pois necessário e fundamental.

Os estatutos que regiam e regulavam os quotidianos, escolar, fabril e até mesmo o doméstico, obrigavam à frequência regular das aulas, sob pena de os aprendizes não adquirirem autorização para, mais tarde dirigirem oficina ou tear e simultaneamente protegia-os, negando a quem não cumprisse estas disposições — a frequência dos cursos pelo tempo determinado pelos mestres, seguida de um exame - a autorização de exercer publicamente a profissão.

O diploma, que dava acesso ao livre exercício do trabalho, liberdade esta entendida dentro dos rígidos regulamentos corporativos, era obrigatório. Conflitos, muitas vezes não resolvidos, são prova da tentativa, muitas vezes falhada, de fazer cumprir a lei: *Dom José foi servido prohibir, que nenhum Mestre Pedreiro, ou Carpinteiro pudessem contractar ou fazer por sua conta obras de Estuque, excluindo delias também os Moldureiros, que não tivessem sido ensinados debaixo da Inspeção da Real Fábrica das Sedas* ⁽⁶⁾. Na mesma altura a direcção desta fábrica ordenava que nenhum mestre fabricante de sedas pudesse tomar por sua conta qualquer aprendiz sem a sua expressa autorização e que ninguém fosse admitido sem primeiro ter estudado *os ele-*

⁽⁵⁾ Real Fábrica das Sedas. Cartório da Direcção. Legislação e Ordens. Alvarás, Decretos e Avisos. L° 389 (1788- 1819).

Regulamento da Aula do Debuxo (27/6/1795): " haverá um Lente o qual ensinará aos discipulos todas as matérias da theoria, e pratica, pertencentes à Arte do Debuxo, tomando sobre si, o provimento de Plantas, e flores, que necessárias forem para copiar do natural; Fará huma lição de prática, sobre as quadrículas, e regras fundamentais da Arte; Será obrigado a hir com os discipulos ao campo nos dias em que lhe parecer para lhes indicar aquelles objectos que a natureza mostra nas diferentes estaçoens do anno, afim de se adiantarem, e melhor poderem lembrar do natural".

⁽⁶⁾ Id.Jbid. L° 384 (1757 - 1774). Edital de 3/7/1771.

mentos de debuxo na Aula de Dezenho ⁽⁷⁾- Justo será referir que estas proibições raramente seriam cumpridas, a acreditar nas muitas queixas apresentadas e nas múltiplas tentativas de fazer valer o Régio Alvará de 1771.

3 . João Maria Policarpo May terá dado início às aulas de debuxo das sedas em Abril de 1764, segundo a atestação de Outubro de 1772 ⁽⁸⁾. O empenho e o bom sucesso do ensino que ministrava, e na criação e no fabrico de motivos dos tecidos para a família real que, com a patriarcal, eram os primeiros clientes destes artigos de sumptuária, estão sobejamente comprovados. Para tal contava com a colaboração de outros debuxadores, como Diogo Martinho Vilela. Em 1773 é encomendado a este último *montar quatro teares de vestidos para Sua Magestade [...] para o mesmo Senhor escolher os que forem do seu Real agrado. E o Mestre Dezenhador João Maria May fará da mesma sorte pondo os debuchos respectivos [...]*. Deve-se salientar, até mesmo por isso, que só em 27 de Junho de 1788 foi criado um Regulamento para a Aula do

⁽⁷⁾ Id., Ibid. L° 389. Regulamento da Aula do Debuxo (27/6/1795).

⁽⁸⁾ Os documentos que referem a vida e o trabalho de Policarpo May são do do Cartório da Real Fábrica das Sedas de Lisboa onde sempre exerceu a sua actividade de lente e debuxador:

a) Legislação e Ordens: L°s 384e 387;

b) Despacho da Direcção: Consultas e representações: L°s 390 e 391; c) Expediente. Correspondência - Copiador de cartas: L°s 444, 502,446,445,456,457,458,459,462.Cf: Real Fábrica Das Sedas E Fábricas Anexas. Inventário. Arquivos Nacionais/Torre do Tombo. Direcção de Serviços de Arquivística e Inventário. Divisão de Publicações, Lisboa, 1995.

Além destes há que referir a presença de Policarpo May como testemunha num contracto de procuração de Julho de 1785:1° Cartório Notarial de Lisboa, Cx 133, L° 628, fl° 97W98 (9 107).

A leitura destes documentos prova que os trabalhos de José Acúrsio das Neves são precisos contrariamente ao que pensava SEQUEIRA, Gustavo de Matos. Depois do Terramoto.vol III. Lisboa, p. 125 que o julga morto vinte anos mais cedo.

—16/10/1772 " Attestamos que João Maria May foy mandado vir do Reyno de França, por lente da Aulla do Debuxo, cujo emprego se acha exercitando desde o mês de abril de 1764;

—10/5/1776 " Petição,que lhe tem feito o Lente dos Debuxos João Maria Policarpo May, representando nella a necessidade que tem de se lhe mandar acrescentar, nas casas em que actualmente assiste".

—3/12/1773 " Devem montar quatro teares de vestidos para Sua Magestade, para o mesmo Senhor escolher os que forem do Seu Real agrado. E o Mestre Dezenhador João Maria May fará da mesma sorte pondo os debuchos respectivos".

—23/12/1774 " Petição de tença anual de 240\$000 rs.

—24/10/1781 " Requerimento para que havendo aplicado a seu filho primogénito para a arte do Debuxo se propõe mandá-lo instruir nas fábricas de França, onde possa adquirir as mais precisas noções, capazes de constituir-lo hábil nesta ciência e digno de substituir o mesmo. (...) Parece ajunta que o projecto do suplicante na instrução de seu filho servirá de segurar para o futuro o seu útil estabelecimento; pois se ele conseguir os científicos conhecimentos desta Arte, será a sua perícia uma sólida base da sua subsistência; e por isso mesmo deve realizar-se às suas próprias expensas este vantajoso beneficio".

—4/1/1785 . Testemunha em contracto de procuração. ANTT, CNLx³, Cl, Cx133,1°628, fl97v°/98

—23/5/1792, " Consulta sobre a concessão de tença solicitada por João Maria Policarpo May , natural de Leão de França, que havia vinte e cinco anos desempenhava o lugar do primeiro Debuxador, e Lente da Aulla de Dezenho da Real Fabrica das Sedas. SANTANA, Francisco - Documentos do Cartório da Junta do Comércio Respeitantes a Lisboa I (1755 — 1804),Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1976, data este doe. De 22 do mesmo mês.

—4/1/1794 Morte segundo NEVES, José Acúrsio das, " Noções históricas económicas e administrativas..., op. Cit. p. 157.

Debuxo, que em 1795 a confirmava. Abolida cinco anos mais tarde, provida de novo regulamento em Agosto de 1811, estava ainda em actividade em 1830 e 1831 com grande número de alunos ⁽⁹⁾.

Policarpo May morre em Janeiro de 1794. Dois anos antes tinha-lhe sido confirmada uma tença de 240.000 réis como pagamento pelos bons serviços prestados na real fábrica.

4. A estreita ligação da aula de desenho da fábrica das sedas à produção das manufacturas foi a razão do seu sucesso e também das suas limitações. Horários de funcionamento, selecção de aprendizes e regras de frequência e de avaliação estavam definidos pelos regulamentos. O seu destino foi o da real fábrica. Depois de uma quase paragem das aulas, num período de crise da produção de tecidos, que só acabou em 1788, os regulamentos sublinham a estreita conexão entre o ensino e as necessidades próprias à laboração dos tecidos: [...]*fazendo-se por isso indispensavel o estabelecimento de huma aula onde publicamente se ensinam as matérias pertensentes a Arte do debuxo, instruindo nella discipulos e Pessoas capazes, que venhaõ a ser com o decurso do tempo Debuxadores perfeitos, e próprios para o serviço das Fabricas que faz hum Ramo particular da Aula de Dezenho* ⁽¹⁰⁾. Este ensino, que se afirmava teórico, prático e técnico, obrigava os professores e alunos ao trabalho em casa, junto aos teares, que deveriam saber armar. Mas prescrevia também as saídas ao campo, ao longo do ano, e sempre que as condições o permitissem, para exercitar a observação directa da natureza, e o duplo trabalho da cópia de gravura e da invenção a partir do natural ⁽¹¹⁾.

As orientações dos estatutos revelam-se mais de natureza fabril do que artística, sublinhando o ensino do desenho aplicado, aqui aos diversos tecidos, cujo sucesso no mercado oscilava ao sabor dos caprichos das modas que chegavam do estrangeiro, e das alianças política e militares que constrangiam ou obrigavam a sua circulação. A ausência da família real no Brasil, o estatuto de paridade comercial deste reino com o continente e o novo gosto das *casimiras* e leves algodões ditaram a falência da fábrica das sedas, para o que terá também contribuído ainda os atrasos constantes dos pagamentos devidos pelo paço e patriarcal. O ensino, prático e aplicado destas *aulas*, coexistia com o das academias, então muito em voga, como a do nu, criada em Lisboa em 1780, e as aulas, mais antigas, de desenho e arquitectura civil, também em Lisboa (1766) e em Coimbra (1772) de espírito mais científico, as últimas, ou artístico, a primeira.

⁽⁹⁾ Livro de Matrícula de Aprendizes da Arte de Debuxo (1830/31), Real Fábrica das sedas, L° 519.

⁽¹⁰⁾ Regulamento para a Aula do Debuxo (27/6/1795), Real Fábrica das Sedas, L° 389. O Novo Regulamento (14/8/1811) não acrescenta nada de substancialmente diverso ao anterior.

⁽¹¹⁾ ARAÚJO, Agostinho Rui Marques de - *Experiência da Natureza e Sensibilidade Pré Romântica em Portugal. Temas de Pintura e seu Consumo (1780 — 1825)*, tese de Doutoramento pol., Porto, FLUP, 1991; MOTA, Samuel Guimarães da - *Gravuras de Chinoiserie de Jean-Baptiste Pillement*, Tese de Mestrado pol., Porto, FLUP, 1998; É bem possível que das gravuras para copiar fizessem parte álbuns da autoria de Pillement, então em voga na Europa. É de referir que pintor refere o seu trabalho nas manufacturas das Sedas de Lisboa o que a confirmar-se acentuaria o papel de modernidade do Real Colégio das Manufacturas.

5. O lugar de lente do desenho da reais fábricas, talvez promovido pela excelência da aplicação ao trabalho de Policarpo May, o bom pagamento e as condições de habitação, entre outros, tornou-se apetecido. As obras, desenhos originais inspirados no mundo orgânico, fantasias ou padrões geométricos, que seriam parte importante para a nossa compreensão dos resultados das aulas estão ou desaparecidos ou são de muito difícil identificação. O debuxo, ou seja, o desenho, por vezes pouco mais que um esboço, que servia de guia para os trabalhos de seda perdeu-se mesmo em períodos recentes e anteriores à circulação de catálogos de motivos. Por ser uma representação gráfica do cruzamento dos fios que são os da teia e os da trama, raramente sobrevive a não ser no próprio tecido.

As aulas de desenho criadas na Real Fábrica das Sedas e suas Anexas são o ensaio do ensino prático, técnico e industrial que um pouco mais tarde o liberalismo promoveu por toda a Europa e também em Portugal.